

José Marques de Melo
e Francisco de Assis
[ORGS.]

GÊNEROS JORNALÍSTICOS

ESTUDOS FUNDAMENTAIS



Editora PUC-Rio

Rua Marquês de S. Vicente, 225, casa Editora PUC-Rio
22451-900 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 3527-1760/1838
edpucio@puc-rio.br
www.puc-rio.br/editorapucurio

Conselho Editorial PUC-Rio: Augusto Sampaio,
Danilo Marcondes,
Felipe Gomberg,
Hilton Augusto Koch,
José Ricardo Bergmann,
Júlio Diniz, Luiz Alencar
Reis da Silva Mello,
Luiz Roberto A. Cunha e
Sergio Bruni

Projeto de capa: Escritório Modelo de Design/PUC-Rio
Editoração do miolo: SBNigri Artes e Textos Ltda

Edições Loyola

Rua 1822, 341 – Ipiranga
04216-000 São Paulo, SP
T 55 11 3385 8500/8501 • 2063 4275
editorial@loyola.com.br
vendas@loyola.com.br
www.loyola.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN (PUC-Rio): 978-85-8006-277-9

ISBN (Loyola): 978-65-5504-003-6

© EDITORA PUC-RIO, Rio de Janeiro, Brasil, 2019.

© EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 2019.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gêneros jornalísticos: estudos fundamentais / José Marques de Melo e Francisco de Assis (orgs.). – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; [São Paulo]: Edições Loyola, 2020.

332 p.; 23 cm. – (Coleção Didática)

Inclui bibliografia

1. Jornalismo. 2. Jornalismo - Estudo e ensino. 3. Redação de textos jornalísticos. 4. Comunicação - Brasil. I. Melo, José Marques de, 1943-2018. II. Assis, Francisco de. III. Série.

CDD: 070.07

Elaborado por Sabrina Dias do Couto – CRB-7/6138

Divisão de Bibliotecas e Documentação – PUC-Rio

Sumário

- 7 Prefácio**
Leonel Aguiar
- 9 Nota introdutória**
Francisco de Assis
- 13 Apresentação | Para uma pedagogia dos gêneros jornalísticos**
José Marques de Melo
Francisco de Assis
- 19 PARTE 1 | ESTUDOS FUNDADORES**
- 21 Introdução | 1960-1970: a questão dos gêneros entra em pauta**
Francisco de Assis
- 25 1 – A informação no jornalismo**
Luiz Beltrão
- 41 2 – Opinião, função vertical do jornalismo**
Luiz Beltrão
- 63 3 – Jornalismo e interpretação**
Paulo Roberto Leandro
Cremilda Medina
- 82 Adendo | Poética da interpretação**
Cremilda Medina
- 93 4 – As categorias do jornalismo**
Mário L. Erbolato
- 111 PARTE 2 | ESTUDOS CONTEXTUALIZADORES**
- 113 Introdução | 1980-1990: os gêneros se firmam como objeto de estudo**
Francisco de Assis

- 119 5 – Conceito, categorias e gêneros do jornalismo**
José Marques de Melo
- 167 6 – Gêneros jornalísticos na imprensa espanhola: transição sem mudança?**
José Marques de Melo
- 191 7 – Gêneros do jornalismo diário: um primeiro diagnóstico**
José Marques de Melo
- 201 8 – Gêneros do jornalismo cultural: retrato das transformações**
José Marques de Melo
- 219 9 – Jornalismo: discurso em dois gêneros**
Manuel Carlos Chaparro
- 249 PARTE 3 | ESTUDOS PROBLEMATIZADORES**
- 251 Introdução | 2000: os gêneros retornam à agenda acadêmica**
Francisco de Assis
- 255 10 – Gêneros jornalísticos: repensando a questão**
Jorge Lellis Bomfim Medina
- 271 11 – Do gênero ao giro: contribuições espanholas para repensar o jornalismo**
Christa Berger
Frederico de Mello B. Tavares
- 291 12 – Gêneros jornalísticos no tempo e no espaço**
Francisco de Assis
- 311 13 – Por uma outra classificação: redefinição de gênero jornalístico**
Lia Seixas
- 328 Sobre os autores**

Prefácio

Leonel Aguiar¹

Publicar o último livro organizado pelo professor José Marques de Melo, que considero o mais relevante intelectual do pensamento comunicacional brasileiro, é uma honra inestimável para a PUC-Rio. Primeiro pesquisador no país a defender uma tese de doutorado sobre jornalismo e um dos fundadores da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), Marques de Melo sempre foi reconhecido como um expoente magistral na área da comunicação. Quando fui contatado pelo professor Francisco de Assis para encaminhar a proposta de editar uma antologia sobre os gêneros jornalísticos, confesso que fiquei exultante com a possibilidade de a Editora PUC-Rio realizar mais uma contribuição essencial para o ensino de graduação e de pós-graduação nas ciências sociais e nas ciências humanas.

Na Editora PUC-Rio, a extrema e perspicaz sensibilidade de editor do professor Felipe Gomberg não só levou ao acolhimento imediato da proposta de organização da antologia como possibilitou mais uma inovação editorial. O lançamento do livro *Gêneros jornalísticos: estudos fundamentais*, organizado por José Marques de Melo e Francisco de Assis, inaugura uma série de livros didáticos da Editora. A genialidade acadêmica do professor Marques de Melo nos trouxe a inspiração desejada para prosseguir com a produção de livros que possam incentivar, cada vez mais, o conhecimento científico sobre a realidade comunicacional brasileira e contribuir para o avanço das perspectivas críticas nas ciências da comunicação. Deixo aqui registrada a gratidão ao mestre de todos nós – JMM, como assinava em seus e-mails.

Como esclarece a nota escrita pelo professor Francisco de Assis, este livro é uma obra póstuma. Nosso querido mestre faleceu antes da edição do livro ser concluída. A publicação da antologia de textos fundamentais para a compreensão dos gêneros jornalísticos almeja ser, portanto, uma singela homenagem da PUC-Rio e de seu Departamento de Comunicação Social ao professor José Marques de Melo. Jornalista diplomado pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), onde também iniciou sua carreira como pesquisador, no âmbito do Instituto de Ciências da Informação, com o incentivo de Luiz Beltrão, Marques de Melo sempre destacou a importância da qualidade do ensino universitário e da formação

1 Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e diretor do Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

específica em jornalismo. Nesse sentido, uma de suas atuações mais proeminentes foi presidir a comissão de especialistas convidados pelo Ministério da Educação (MEC) para instituir – após amplo debate com a comunidade acadêmica da área da comunicação e com as entidades profissionais – as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo (DCNs).

Lembro-me de uma das conversas sobre o tema “qualidade do ensino de jornalismo” que tive com o professor Marques de Melo. Compreendíamos que as transformações nas estruturas produtivas do capitalismo contemporâneo repercutiram de maneira contundente nas estruturas organizacionais do mundo do trabalho e na educação universitária e que, na área da comunicação – principalmente, no jornalismo –, as constantes inovações das tecnologias digitais também modificam a formação profissional. Assim, concordamos que a comissão de especialistas do MEC avançou ao recomendar uma formação profissional específica centrada na ética, na capacidade crítica e na competência técnica. Sem dúvida, a constituição das DCNs em jornalismo é uma parte do legado acadêmico de Marques de Melo.

Esse legado testemunha que, na contemporaneidade, o jornalismo deve ser entendido como um lugar de produção de conhecimentos singulares sobre a dinâmica imediata da realidade social como um campo de mediação discursiva de interesses, conflitos e opiniões que disputam o acesso à esfera pública nas sociedades democráticas. Com o fundador da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), a mais importante entidade científica da área das ciências da comunicação no Brasil, aprendemos que, além da formação específica, o ensino de qualidade é essencial para que o jornalismo possa contribuir para o aprimoramento de uma esfera pública democrática na sociedade brasileira contemporânea, caracterizada pela complexidade. As sociedades complexas requerem qualificações profissionais e formações acadêmicas específicas para diversas profissões; com o jornalismo, não pode ser diferente, pois o campo jornalístico configura-se como lugar de produção de um tipo de informação e de uma linguagem que se caracterizam por serem amplamente acessíveis aos mais diferentes setores da sociedade.

Certamente, quem mais vai desfrutar da informação jornalística de qualidade, produzida sob os parâmetros do rigor ético e com responsabilidade social, é a sociedade brasileira. Com certeza, este é um livro imprescindível não só para os estudantes e profissionais de jornalismo e da área da comunicação, mas também para todos aqueles que se interessam pelas problematizações conceituais e reinvenções teóricas produzidas pelo pensamento comunicacional brasileiro.

Nota introdutória

Francisco de Assis

Em janeiro de 2017, José Marques de Melo – que havia sido meu orientador de mestrado e doutorado – me chamou à sua casa para lançar (mais) um desafio: era de seu agrado que organizássemos juntos um livro destinado a sintetizar as articulações realizadas no Brasil acerca dos gêneros jornalísticos, nos últimos 60 anos, de modo a mais bem orientar o ensino e a pesquisa a esse respeito. Preocupado com a formação superior voltada às práticas que se realizam na imprensa, ele reconhecia a necessidade de balizar discussões e traçar parâmetros para uma pedagogia das formas de expressão do jornalismo.

Desafio aceito, e após decidirmos quais capítulos iriam compor o livro, demos início à consulta aos autores (ou aos detentores de seus direitos) e à preparação dos originais. Diferentemente do que se costuma considerar sobre obras coletivas – por vezes desvalorizadas, sob o argumento de que são mais fáceis de fazer –, coletâneas dão muito trabalho, especialmente quando elaboradas seriamente e com o devido cuidado. Conferir unidade a produções realizadas de maneiras variadas e – no tocante a este caso – em diferentes períodos, sem alterar seu teor, mas, ao mesmo tempo, zelando por estabelecer elos e elementos comuns entre elas, demanda tempo e dedicação. No particular deste *Gêneros jornalísticos: estudos fundamentais*, soma-se, ainda, o esforço para reproduzir corretamente as contribuições até então não digitalizadas, que permaneciam restritas ao suporte analógico no qual circularam pela primeira vez.

Em razão desses aspectos, não é difícil perceber que dar tratamento aos textos originais, até que cheguem ao ponto certo, e responder a questões burocráticas envolvidas numa publicação exigem meses de labor exaustivo. Além disso, no nosso caso, ainda tivemos de conseguir a adesão do mercado editorial num momento particularmente difícil. Em meio à crise político-econômica por que passa o país, a qual respinga sobre o setor, demoramos certo tempo até encontrar um selo disposto a investir em nossa proposta, o que conseguimos de modo satisfatório ao apresentá-la à Editora PUC-Rio. Nesse sentido, foram decisivas as ações do professor Leonel Aguiar, que demonstrou interesse pelo livro, ao ser consultado, e gentilmente se dispôs a encaminhar a questão, e do professor Felipe Gomberg,

que também recebeu positivamente o material bruto, encaminhando-o de imediato aos processos de avaliação realizados pela editora que está sob seu comando.

Entre a semente lançada (a ideia) e o fruto colhido (o livro), portanto, passaram-se meses. E esse intervalo temporal é o motivo que faz desta uma obra póstuma de Marques de Melo. Seu falecimento, em 20 de junho de 2018, se deu justamente no momento em que estávamos concluindo a edição dos textos, para em seguida submetê-los aos últimos refinamentos. A vida, em seu ritmo singular, não permitiu esperar o tempo requerido para o término das etapas editoriais. Lamento profundamente que ele não tenha tido a oportunidade de ver o resultado, o qual certamente lhe agradaria, considerando o competente trabalho realizado pela Editora PUC-Rio para dar a este material, que se pretende antológico, um acabamento de qualidade. Imagino que vê-lo pronto seria estímulo para dar início a outra proposta e a lançar (mais) um novo desafio.

Para além dessas justificativas, quero aproveitar este espaço para expressar minha gratidão à família do professor Marques – especialmente a Dona Sílvia (esposa), Marcelo (filho) e Priscila (nora), com quem tenho mais proximidade –, que me permitiu levar adiante a finalização do livro e viabilizou o cumprimento do que ainda estava pendente (possibilitando meu acesso à sua biblioteca particular, para consultar exemplares necessários a pequenos acertos requeridos por alguns capítulos, e cuidando da documentação exigida); e, ainda, utilizá-lo para fazer um agradecimento *in memoriam* ao meu mestre, pela confiança depositada em mim, traço contínuo da nossa relação, desde os primeiros contatos que tivemos, quando eu ainda um jornalista recém-formado e aspirante ao curso de mestrado. Sua partida não apenas provocou enorme tristeza, mas também despertou um sentimento de responsabilidade em continuar o seu grandioso trabalho. A respeito disso, o professor Manuel Carlos Chaparro postou, em redes sociais, uma sensível manifestação, da qual tomo a liberdade de aqui reproduzir uma parte:

Querido amigo Marques de Melo, recebi hoje a notícia da tua morte. Um infarto fulminante te levou para outra dimensão da VIDA. E faço questão de acentuar a palavra VIDA por não acreditar na morte. Sim, meu amigo: para mim não existe o processo da morte. O que existe é o processo da vida, do qual o falecimento físico faz parte. E porque a morte não existe, faço também questão de pedir licença para te usar como interlocutor nesta “Janela de Diálogo”, que por coincidência hoje inauguro, como espaço de conversas abertas sobre JORNALISMO, área do conhecimento que muito te deve. Começo por te dizer, amigo, que a convicção racional que me leva a descrever da morte conduz-me, também, à evidência de que

peessoas como tu, que usaram o tempo e os dons da existência física para construir e reelaborar VIDA, vivas continuarão nos efeitos da obra realizada e nas descendências genéticas e intelectuais – no teu caso, descendências herdeiras não apenas do conhecimento por ti produzido e organizado no muito que pensaste, escreveste, disseste e fizeste, mas herdeiras também dos compromissos que assumiste e nos ensinaste a assumir, em favor dos valores humanistas da democracia. Por caminhos de concordâncias e divergências, tu me fizeste um desses herdeiros.

Uno-me a essa ideia. Também me considero herdeiro dos “saberes” e das “responsabilidades” – palavras usadas por Chaparro, em outro trecho da mensagem – que José Marques de Melo generosamente nos transmitiu. E espero que, com o desfecho do trabalho que culminou neste livro, eu possa ter honrado ao menos uma parcela desse legado.

Apresentação

Para uma pedagogia dos gêneros jornalísticos

José Marques de Melo
Francisco de Assis

Gêneros jornalísticos: estudos fundamentais consiste em continuação de esforços que temos destinado à construção e à difusão de bibliografia orientada a subsidiar o estudo e a pesquisa a respeito da materialização das práticas do jornalismo¹. Defendemos que a compreensão dos gêneros perpassa a dinâmica de ensino-aprendizagem da atividade desempenhada no âmbito da imprensa, estimulando percepções sobre sua identidade. Por isso mesmo, voltar-se a eles significa, em última análise, voltar-se ao próprio exercício da profissão aqui considerada.

Nosso ponto de partida, ao propor este livro, é a ideia de que aprender a respeito dos gêneros jornalísticos (sua natureza, suas características, sua composição e, principalmente, suas classificações) corresponde a parcela significativa da formação de jornalistas e de pesquisadores. É, portanto, essencial tanto em nível de graduação quanto em níveis avançados (pós-graduação e outros estágios), uma vez que vislumbrar suas dimensões capacita para a atuação no mundo do trabalho do jornalismo e, igualmente, elucida investigações nele focadas.

Mas a incursão no território dos gêneros exige levar em conta ao menos duas particularidades que, além de direcionarem o olhar sobre a questão, avultam a pertinência do livro. Em primeiro lugar, o fato de que o jornalismo, metaforicamente, “é uma espécie de árvore universal, que possui raízes eurocêtricas”, mas cujas “ramificações são tipicamente nacionais [...], muitas vezes produzindo frutos dotados de sabores regionais” (Marques de Melo, 2009: 3). Logo, há de se presumir que, sendo tal atividade delineada por feições conferidas em certos territórios geograficamente demarcados, sua apreciação exige atenção às particularidades processuais desses espaços. Isto quer dizer, em outras palavras, que o repertório forâneo não é suficiente para embasar diagnósticos sobre os gêneros

1 Convidamos à leitura, além de outras tantas sugeridas ao longo dos capítulos – quer diretamente, quer por meio das referências bibliográficas que sustentam seu teor –, dos trabalhos que realizamos anteriormente em parceria. Ver: Marques de Melo e Assis (2010; 2016).

jornalísticos, porque não consideram justamente as experiências nacionais (as quais, ainda que influenciadas por modelos estrangeiros, adquirem autonomia ao passo de seu desenvolvimento). Daí a importância de valorizar o conhecimento produzido no cenário brasileiro, pois é esforço vinculado à sua realidade, não obstante abrindo-se ao diálogo com perspectivas advindas do exterior – veja-se, por exemplo, os textos a seguir que se aprofundam na tradição teórica e nas práticas de outros países, especialmente de Espanha e Portugal.

A segunda particularidade que tem peso nesse cenário é a atenção que se deve dar ao saber já acumulado, para a partir dele promover avanços e revisões, necessários quando se trata de um objeto em permanente reinvenção. Nesse sentido, ao pensarmos um produto editorial que possa servir tanto a fins didáticos (ensino) quanto para amparar análises (pesquisa), identificamos a dificuldade de acessar determinadas contribuições que, a nosso ver, são paradigmáticas, em razão de vários motivos: por seu pioneirismo (primeira parte), por sua contribuição substancial, cuja pertinência da avaliação empírica se mantém mesmo estando temporalmente distante (segunda parte), pelas atualizações feitas e/ou pelas propostas de novas possibilidades de exame do objeto (terceira parte). A antologia de estudos que se revelam fundamentais para o aprendizado dos gêneros jornalísticos possibilita a reunião de originais dispersos e o acesso a aportes que já deixaram de circular, mas que continuaram sendo citados em trabalhos acadêmicos, muitas vezes em “segunda mão”, sendo necessário grande empenho para localizá-los (principalmente os do grupo que abre o conjunto).

Tendo em nosso horizonte a constatação de que, a respeito dos gêneros jornalísticos, muita coisa foi produzida no Brasil, nosso desafio, ao idealizar este volume, foi principalmente o de identificar quais contribuições seriam representativas e de encontrar a melhor maneira de dispô-las, a fim de que, como já indicamos, pudessem guiar didaticamente a apreciação sobre como a questão foi sendo articulada ao longo do tempo. Para realizar essa tarefa, três critérios nos guiaram: 1) a busca primordial por textos que acabaram se perdendo, quer porque estão em livros não mais em circulação, quer porque só foram publicados em revistas; 2) a assimilação de que, nesse panorama, o divisor de águas consiste na tese de livre-docência de um dos organizadores – *Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro* –, defendida em 1983², o que nos levou a selecionar, além de fragmentos do referido trabalho, contribuições situadas “antes” e “depois” dessa linha divisória; e

2 O trabalho de livre-docência defendido por José Marques de Melo em 1983, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), foi transformado, posteriormente, no livro *A opinião no jornalismo brasileiro*, publicado em duas edições pela Vozes (1985 e 1994) e numa terceira edição – a qual recebeu o nome de *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro* – pela Manteigueira (2003).

3) a consulta às referências mais citadas no Google Scholar, plataforma que, muito embora não dê conta da totalidade do impacto gerado pelas pesquisas que têm os “gêneros jornalísticos” como palavra-chave, ao menos nos indica aquelas que são tidas como relevantes pela comunidade acadêmica.

Adotando essa estratégia, selecionamos 13 capítulos e os dispusemos em três partes, dedicadas, sequencialmente, a estudos *fundadores*, *contextualizadores* e *problematizadores*. Destaque-se que a ordem proposta não é apenas cronológica, mas também metodológica: num primeiro momento, há textos publicados originalmente entre os anos 1960 e 1970, os quais são as primeiras contribuições brasileiras ao estudo dos gêneros e que, também, introduzem as dimensões mais amplas da questão; posteriormente, constam elaborações desencadeadas nas décadas de 1980 e 1990 e que se constituem avanços teórico-empíricos dedicados ao estabelecimento de um arcabouço mais sólido sobre a questão; e, por fim, estão enfeixados artigos produzidos já nos anos 2000, que revisitam as ideias lançadas precedentemente e as problematizam à luz de outras propostas teóricas e de novas pesquisas de campo.

Considerações mais pontuais sobre esses agrupamentos serão oferecidas em suas respectivas introduções. No entanto, cabe já fazer um destaque: o conjunto que segue revela, diacronicamente, um panorama evolutivo. Vejamos, nesse particular, a própria articulação de obras precedentes feita por cada unidade. Uma pista se nos apresenta aí: do primeiro texto – embasado por análises situacionais e sem bibliografia – ao último – que recorre a perspectivas de diferentes matrizes –, os gêneros jornalísticos ganharam contornos e aprofundamentos responsáveis por elevá-los a um *status* de disciplina, sendo preciso, por isso mesmo, estudá-los e tensioná-los em meio aos processos formativos relacionados ao campo em evidência, nos mais variados níveis possíveis.

É importante esclarecer que, apesar de os organizadores adotarem certa classificação – a qual, como se verá, também sofreu alterações com o tempo –, não intentamos somente articular produções consonantes a essa proposta ou apenas autores ligados diretamente a nós. Diferentemente de como procedemos ao organizar o livro *Gêneros jornalísticos no Brasil*, em 2010, cujos capítulos são assinados primordialmente por pesquisadores pertencentes ao Grupo Comunicacional de São Bernardo³, nossa intenção, desta vez, foi a de compor um quadro multiface-

3 “O Grupo Comunicacional de São Bernardo [...] é constituído pelos pesquisadores atuantes no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PósCom) da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Dele também fazem parte seus discípulos, ou seja, os mestres e doutores formados em São Bernardo do Campo, mas hoje trabalhando nas inúmeras instituições brasileiras e latino-americanas que desenvolvem projetos de ensino e pesquisa no âmbito das ciências da comunicação” (Marques de Melo, 2003: 272).

tado, com reflexões suscitadas em vários contextos e amparadas por diferentes referenciais. O resultado é um empenho de união da diversidade.

Em relação aos textos propriamente ditos, devemos explicar que os mais antigos, especialmente os dos autores já falecidos, foram reproduzidos sem quaisquer alterações, exceto no que diz respeito à ortografia (a qual foi adaptada à norma vigente), à formatação (citações e referências) e a complementos de nomes próprios (quando apareciam apenas sobrenomes). Os mais recentes puderam ser revistos por quem os assina, quando assim se mostrou pertinente; são casos em que houve necessidade de atualizar algumas colocações, esclarecer certos aspectos ou, então, aprimorar trechos que pareceram frágeis após releitura. Os capítulos que de algum modo foram alterados estão indicados em nota de rodapé posta junto ao título, para evitar incompreensões caso sejam comparados com os originais.

Considerando a mobilização, ainda em processo, das instituições de ensino superior do país, no sentido de reorganizar suas ofertas de graduação em jornalismo, para atender às reivindicações das novas diretrizes curriculares instituídas pelo Ministério da Educação (MEC)⁴, parece-nos oportuno oferecer este balanço sobre o pensamento brasileiro a respeito dos gêneros jornalísticos, eixo componente do processo formativo dos alunos, conforme indicado por aquele documento. É possível buscar nestas páginas o substrato necessário para aprender uma gama de dimensões sobre o desempenho dos jornalistas e sobre os frutos do seu agir. Acreditamos que, mais do que uma fonte bibliográfica, temos aqui um documento histórico à disposição dos interessados em explorar sua problemática, questionar seus pressupostos ou mesmo fazer a arqueologia dessa disciplina.

Por tudo isso, fazemos votos de que os leitores acolham esta antologia com o mesmo entusiasmo que tivemos ao prepará-la. Esperamos que a apreciação do quadro cognitivo formado no Brasil, em torno dos gêneros jornalísticos, nas últimas seis décadas, estimule novas investidas, de modo a ampliar ainda mais o arsenal teórico de que podemos nos valer para avançar nesse terreno arenoso, tão carente de ser revisitado continuamente.

Encerrando esta abertura, registramos ainda nossa gratidão ao estudante Bruno Machado de Oliveira, do curso de graduação em jornalismo do FIAM-FAAM – Centro Universitário, e à jornalista Fernanda Guerra, que gentilmente

4 A resolução do Ministério da Educação (MEC) que estabelece as diretrizes curriculares nacionais para o bacharelado em jornalismo foi publicada em 27 de setembro de 2013, estabelecendo um prazo de dois anos, a partir daquela data, para implantação de novas matrizes a turmas de alunos ingressantes. Em 2018, muitas instituições ainda estão “acertando o passo” em relação a essa mudança.

destinaram seu tempo a nos ajudar com a digitalização de vários capítulos, colaborando para que as páginas amareladas de velhas edições fossem transformadas em conteúdo atualizado e apto a retornar ao mercado editorial. Um agradecimento também ao Nasser Sawan, que contribuiu valiosamente com o cotejamento e a revisão final dos originais.

Referências

MARQUES DE MELO, José. *Jornalismo: compreensão e reinvenção*. São Paulo: Saraiva, 2009.

_____. *História do pensamento comunicacional: cenários e personagens*. São Paulo: Paulus, 2003.

_____.; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 39-56, jan./abr. 2016.

_____.; _____. (Orgs.). *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.